

## RESENHA

Emerson de Arruda\*

POYTHRESS, Vern S. **Teologia sinfônica: a validade das múltiplas perspectivas em teologia**. São Paulo: Vida Nova, 2016. 160 p.

Esta obra é o resultado das reflexões bíblicas e teofilosóficas do professor Vern Poythress, um dos docentes responsáveis pela cadeira de teologia no Westminster Theological Seminary, em Filadélfia, na Pensilvânia. O autor é bacharel e Ph.D. em Matemática pela Universidade de Harvard, com M.Div. e Th.M. em Apologética pelo Westminster Theological Seminary. Além disso, obteve o grau de M.Litt. em Novo Testamento pela Universidade de Cambridge e de Th.D em Novo Testamento pela Universidade de Stellenbosch, na África do Sul. Nos últimos 44 anos tem exercido a docência no Westminster Theological Seminary, atuando nas áreas de teologia bíblica e sistemática, especificamente Novo Testamento, Interpretação Bíblica e Teologia Sistemática.

A edição original, *Symphonic Theology: The Validity of Multiple Perspectives in Theology*, foi lançada em 1987, permitindo que os leitores norte-americanos tivessem acesso ao caminho teórico-metodológico de interpretação e análise dos fenômenos estruturados no paradigma hermenêutico “múltiplas perspectivas” aplicado à esfera teológica. No Brasil, a publicação efetivou-se em 2016 pela Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, com tradução de A. G. Mendes. O volume tem encadernação em brochura, com tamanho 14x21 cm e 160 páginas. Em termos estéticos, tanto a fonte quanto a diagramação

---

\* Doutor em História pela Universidade Federal de Mato Grosso; mestre em Educação pela UFMT; especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional pelas Faculdades Afirmativo; bacharel em Teologia pelo Seminário Teológico Presbiteriano Rev. José Manoel da Conceição e pela Faculdade Teológica Sul Americana; licenciado em História, Pedagogia e Filosofia. Atualmente é doutorando em Educação, Arte e História da Cultura pela Universidade Presbiteriana Mackenzie e licenciando em Letras pela Universidade Leonardo da Vinci. É docente do Centro Universitário UNIFASIPE, atuando nos cursos de Direito, Ciências Contábeis, Engenharia Civil, Odontologia, Enfermagem, Fisioterapia e Biomedicina. É pastor da Igreja Presbiteriana Luzevida, em Rondonópolis (MT).

possibilitam que os leitores façam anotações no corpo e nas margens da obra se julgarem necessário. O texto constitui-se de 10 capítulos e um epílogo, distribuídos de maneira didática e sintética.

Logo no início, Poythress afirma que a noção de perspectivas adotada por ele ancora-se fundamentalmente em premissas teológicas de autores como Cornelius Van Til, John Frame e Kenneth L. Pike. Além desse referencial teórico, também se baseia em seu estudo pessoal da Escritura Sagrada, especialmente os Evangelhos e o livro de Apocalipse (p. 151). Tudo isso lhe permite asseverar que a verdade de Deus se manifesta a partir de uma unidade revelacional bíblica que, por sua vez, pode ser contemplada sob diferentes ângulos e perspectivas, isto é, a partir de múltiplas características e atributos.

No primeiro capítulo a argumentação do autor tem como finalidade comprovar a existência das múltiplas perspectivas, referenciando-se nas vivências e experiências que perfazem, atravessam e constituem a vida cotidiana, posto que cada indivíduo vê os objetos sob diferentes aspectos, revelando impressões distintas da realidade. Até mesmo o campo das ciências naturais e sociais, o universo cósmico e cultural, não é percebido em sua totalidade, mas de acordo com as diversas esferas que o constituem. Poythress considera que a concepção do mundo a partir de perspectivas é significativa e importante; entretanto, esse caminho metodológico de análise e interpretação não deve ser concebido como uma espécie de reducionismo, delimitando ou explicando a complexidade do mundo por meio de uma única tonalidade ou nota musical.

No capítulo dois, Poythress pressupõe que a Escritura Sagrada revela em sua natureza a dinâmica das perspectivas, isto porque as diversas analogias e metáforas, dentre outras figuras de linguagem, indicam que o texto bíblico tem em sua constituição histórica, exegética e gramatical diferentes estruturas e gêneros literários, de tal modo que cada um desses aspectos linguísticos nos convida “a ver Deus de uma perspectiva diferente, isto é, a vê-lo como análogo a um aspecto específico do mundo criado e de suas relações” (p. 17). Além disso, o autor pressupõe que é possível encontrar modelos abrangentes, interesses seletivos, visões de mundo e conhecimento prévio nas narrativas bíblicas. Todavia, nesse conjunto de possibilidades a Bíblia nos comunica uma visão de mundo, ou seja, uma cosmovisão que se delinea por uma estrutura básica, cuja finalidade é o cultivo da comunhão com Deus.

No capítulo três, a teoria das perspectivas recai sobre o campo teológico e, neste aspecto, o autor defende a pressuposição de que a visão de mundo presente nas Escrituras Sagradas se estabelece como estrutura ou base teórica para os exercícios de análise, interpretação e significação conjecturados pelos teólogos. Poythress entende que as diferentes esferas ou perspectivas da verdade revelacional podem ser expandidas e transformadas num tema abrangente e, a partir deste, construir uma sistematização e aplicação desse conteúdo, operacionalizando a criação de abordagens teológicas que partem

do elemento micro para a dimensão macro. É importante mencionar que ele discute de modo sucinto o perigo de se adicionar as cosmovisões modernas como parâmetro, pois o “temor do Senhor é o princípio da sabedoria. Não podemos sequer pensar em ser sábios se não dermos ouvidos, com humildade, a Deus e à sua palavra” (p. 24).

No capítulo quatro, prossegue a descrição argumentativa do assunto, envolvendo a apresentação de exemplos de perspectivas no âmbito das Escrituras Sagradas. Desse modo, os gêneros literários, os temas de cada livro e das passagens bíblicas de ensinamentos doutrinários abrem-se como possibilidade real para que seja efetivada a leitura do todo escriturístico, levando em consideração o significado teológico comunicado por aquela determinada perspectiva, tal como os atributos de Deus ou a ética dos dez mandamentos, e, neste caso, o viés moral embriado nas noções de critério, objetivo e atitudes quanto à conduta humana.

No capítulo cinco, Poythress oferece aos leitores um caminho apologético no que se refere ao lugar e a importância das perspectivas, isto é, da teologia sinfônica como parâmetro teórico-metodológico para a teologia, mostrando-nos que tal procedimento é análogo, ou seja, envolve ou é a representação da “combinação de vários instrumentos musicais para expressar as variações de um tema específico” (p. 51). É significativo mencionar que o autor tem consciência de que a interpretação via perspectivas pode, em determinados momentos, ser comparada ou confundida com o relativismo filosófico que em seu tempo tinha uma natureza popular. A partir dessa problematização, a temática central desse capítulo volta-se para argumentos que compravam as diferenças entre a teologia sinfônica e o relativismo destrutivo. Há na fala de Poythress a absoluta certeza e crença na verdade absoluta. Entretanto, o conhecimento e a própria natureza ontológica do ser humano o impede de perceber todas as coisas em sua totalidade única e integradora, e assim, devido à sua finitude existencial, temporal e espacial, dentre outros aspectos, a leitura, análise e objetivação da realidade se dará por meio de ângulos diferentes.

No capítulo seis, o argumento do autor quanto à natureza e finalidade da teologia sinfônica volta-se para o campo da linguagem, isto é, para as estruturas de sentido e uso das palavras nas narrativas bíblicas. Poythress descreve que, de modo geral, há quem pense que todos os termos ou palavras na Bíblia têm uma precisão técnica e obedecem a categorizações fixas, não revelando nenhum tipo de flexibilidade. Entretanto, os verbetes possuem mobilidade semântica, isto porque o significado das palavras não se resume apenas à perenidade léxica, mas deve-se notar o elemento contextual da produção do conhecimento e da própria linguagem. Para a construção dessa perspectiva, o autor utiliza como referência os estudos de James Barra, Moisés Silva e D. A. Carson, de tal modo que “se como teólogos sistemáticos, quisermos propor um termo técnico, devemos fazê-lo por meio de uma generalização que use um número grande de padrões e ensinamentos análogos encontrados na Bíblia” (p. 77).

No capítulo sete, Poythress descreve a natureza da teologia sinfônica a partir de doze máximas importantes. Em síntese, mesmo com a singularidade bíblica, filosófica e teológica de cada tópico apresentado, o autor pressupõe que a comunicação humana, com seus mais variados aspectos históricos, técnicos, culturais e didático-pedagógicos, é um construto de natureza divina de que o próprio Deus faz uso comunicando-se e tornando conhecida a sua vontade por meio de predicados categóricos. Todavia “nenhuma categoria, tema ou conceito e nenhum sistema de categorias pode nos proporcionar uma análise profunda do mundo [...] mais perspicaz do que qualquer outra pode ser” (p. 102).

No capítulo oito, temos uma abordagem praxiológica da teoria das perspectivas, uma vez que Poythress dedica-se à demonstração dos métodos “que, em certa medida, são característicos da teologia sinfônica” (p. 115). O autor declara que no processo de análise exegética e, por conseguinte, na logicidade hermenêutica, aprendemos a interpretar passagens e palavras em suas particularidades, integrando a esse exercício uma análise dos contextos social e cultural, e até mesmo a realidade contemporânea, com o fim de aplicar a verdade aos nossos ouvintes. Isto significa que todos esses níveis de interpretação influenciam um ao outro. Assim, tal dinâmica reflete, indica e evoca a natureza e os princípios teórico-metodológicos de teologia sinfônica.

Nos capítulos finais (nono e décimo), encontramos uma espécie de estudo de casos, ou uma demonstração empírica da teologia sinfônica que toma como recorte ou objeto de estudo os milagres. Nesse sentido, Poythress problematiza a conceituação de milagres efetivada pela teologia sistemática clássica, propondo, desta forma, a criação de uma definição categórica que tenha natureza pontualmente bíblica, de tal modo que em sua análise sinfônica

À luz do que foi dito, podemos imaginar outra definição: o milagre é um ato extraordinário visível de Deus que comunica uma revelação especial. Essa formulação acrescenta a ideia de função especial (“comunica uma revelação especial”) à definição. Nessa definição, os milagres cessaram (porque a revelação especial está completa). Contudo, como essa afirmação é uma definição bem específica, ela ainda permite que todo tipo de ato extraordinário de Deus ocorra em nossos dias. (Apenas não seriam chamados de milagres). E teríamos ainda de nos lembrar da revelação geral hoje. Todos os atos da providência divina – quer comuns, quer incomuns ou extraordinários aos nossos olhos – confirmam de forma mais ou menos notável a fidelidade do nosso Deus em sua palavra. Essa definição tem a vantagem de nos capacitar a prestar atenção à função singular da comprovação dos grandes atos de poder de Deus na Bíblia. Contudo, tem a desvantagem de ser passível de confusão. Quem não tiver muito claro na mente o sentido técnico especial da palavra “milagre” pensará que estamos negando a ocorrência de providências extraordinárias hoje. Para que fique claro, portanto, creio que é melhor deixar a palavra “milagre” sem definição técnica e permitir que ela funcione como palavra comum e vaga em nossa língua. Se acharmos que precisamos de um termo técnico para distinguir os milagres bíblicos e discutir sua função especial, devemos chamá-los de simplesmente “milagres bíblicos” (p. 139).

Uma vez estabelecido o ponto de análise quanto à definição semântica do termo milagre, Poythress disserta sobre a aplicabilidade dos milagres àqueles que possuem uma noção equivocada dos atos extraordinários de Deus na história, de tal forma que, segundo o método sinfônico de análise, houve a tentativa “de combinar percepções genuínas defendidas por cada uma das visões principais. Usando ambas as posições como perspectiva do milagre, somos levados a um posicionamento que não é rigorosamente idêntico a nenhuma delas” (p. 149). A tese do autor é que a teoria das perspectivas aplicada um determinado problema teológico, neste caso os milagres, permite que os sujeitos construam no mínimo a prática do estudo e do diálogo diante das diversas questões teológicas, o que imprime a possibilidade de aprendizagem e de convivência interpessoal.

No epílogo, Poythress ratifica o que havia dito na abertura de sua obra sobre a influência dos ensinamentos e obras de Cornelius Van Til, John M. Frame e Kenneth L. Pike, suas experiências e análises em seu estudo pessoal da Escritura Sagrada, e indica uma variedade de obras que também analisam a realidade de acordo com a teoria das múltiplas perspectivas, denominada por ele teologia sinfônica.

Isto posto, as reflexões teológicas apresentadas pelo autor no desenvolvimento dos capítulos analisados se constituem como um convite e ao mesmo tempo uma inspiração intelectual para os teólogos contemporâneos quanto à demonstração de que é possível perceber que as ciências teológicas e exegéticas são dinâmicas, e diariamente existe o desafio de estudar as Escrituras Sagradas sob ângulos diferentes. Entretanto, a teoria das múltiplas perspectivas ou perspectivismo como postura epistemológica e caminho teórico-metodológico efetua sua interpretação da realidade numa linha muito tênue que, às vezes, incorre no relativismo filosófico, o que propicia problemas e implicações teológicas no que se refere à natureza da verdade e do processo revelacional. Além disso, a ênfase nas múltiplas facetas da verdade de Deus pode, em determinados momentos, anular ou esquecer-se da unidade e da logicidade temática que perfaz a estrutura revelacional de Deus ao homem. Nesse aspecto, Poythress não evidencia que posição adota quanto à nomenclatura de um enredo temático unificador e que tipo de metanarrativa ele tem como parâmetro. Todavia, tais observações não anulam a singularidade teológica, a conjugação interdisciplinar e a didática demonstradas pelo autor em sua obra.